

Meu coração a nu Baudelaire e a gênese do interior do homem

Luiza Mariani

Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro.

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar, através da literatura, um particular viés do processo de individuação vivenciado pela sociedade francesa na virada do século XIX para o século XX. Para delimitar o campo de trabalho, observou-se a questão da solidão, analisada em um laboratório especial: o poema em prosa “Mon coeur mis à nu”¹, do poeta francês Charles-Pierre Baudelaire.

Palavras-chave: Baudelaire; individualização; interior do homem.

A literatura é um espaço privilegiado para se observar o processo de individuação vivenciado pela sociedade. Neste artigo, procurou-se analisar esta questão na sociedade francesa na virada do século XIX para o século XX, através da obra do poeta francês Charles-Pierre Baudelaire. Este procedimento abriu espaço para uma tentativa de se estabelecer uma ponte com o tema da solidão, circunstanciado pela realidade social e histórica da referida sociedade da época.

O que se buscou foi desvelar instantes de transição da sociedade francesa da época, na percepção e construção da subjetividade. Este processo foi evidenciado também por paradoxos, encontrados no texto de Baudelaire.

Na tentativa de capturar traços deste momento de passagem da sociedade francesa na época referida, privilegiou-se o poema em prosa de Baudelaire “Mon coeur mis à nu”, além de referências a algumas outras obras do poeta.

Para pensar na questão da solidão, no momento mesmo em que ocorria a individuação, quando o homem começava a perceber o seu interior e, constituindo-se, já trazia em germe a fragmentação do sujeito, aqui se recorreu a idéias do pensador Jean-Jacques Rousseau, expressas nas suas obras “Do contrato social – ou princípios do direito político”² e “Os devaneios de um caminhante solitário”³.

Pincelar uma tessitura entre o pensar, o sentir e o fazer de Baudelaire e Rousseau exigiu como ponto de partida os versos do poeta francês.

ALGUNS PARADOXOS

O título original do poema em prosa de Baudelaire, em francês, recebeu em 1995 uma tradução quase literal de Fernando Guerreiro – “Meu coração a nu”⁴ – na qual foi omitido o verbo (mettre) que, na língua francesa, está no tempo passado. O tradutor acompanha o poeta francês e pessoaliza o ato de desnudar o coração. Ou seja, acompanha e mantém a perspectiva da leitura, porque não se trata de qualquer coração. É o coração de Baudelaire.

Neste artigo trabalhou-se com a primeira pessoa priorizada no título original. Embora aqui a questão não vá ser analisada, porque escapa à proposta do trabalho, fica o registro de um paradoxo na tradução do título para a língua portuguesa: referendar a primeira pessoa na abordagem do coração do poeta, na virada para o século XXI, desvela no presente um traço de delicadeza que já se supunha perdido no passado.

Se observado este paradoxo pelo viés estudado neste artigo, é possível dizer que houve uma opção, ainda que inconsciente, pelo eu que aqui consideramos como o eu social do homem, em detrimento do eu profundo anunciado no título original. A questão é instigante para se pensar como a época (que vivenciamos) lida (oculta) com o sentimento que Baudelaire não se pejou em anunciar no título do poema.

No título original está enunciado “meu coração”. O poeta não se ocultou atrás da terceira pessoa. Usou a primeira. O coração de Baudelaire está nu. Desnudar é diferente de enunciar a palavra nu. Desnudar é como desvelar, desvendar. Nu é mais forte. É ficar nu, sem prefixos, sem proteção. É ficar só, ainda que seja no meio de multidão.

A referência à multidão em relação a Baudelaire é proposital, para se evitar equívoco. Não se trata, aqui, da solidão que ele considerou necessária e na qual, supõe-se, buscava o seu interior no poema *Mon coeur mis à nu*. Ficar só em meio à multidão, no caso citado no parágrafo anterior, tem outra perspectiva.

Alguns versos de Baudelaire prefaciavam a chegada da sociedade de massas, em meio às reformas que o então prefeito Haussmann introduzia na capital parisiense, abrindo largas avenidas com piso de macadame.

O poema em prosa sobre a “Perda da aura”⁵ conta a aventura (ou desventura) de um poeta que perde a sua aura ao atravessar uma das novas avenidas, correndo para não ser esmagado pelas patas dos cavalos que puxavam carruagens em disparada.

O poeta descrevia sua trajetória ao atravessar correndo a pista de macadame, deixando aflorar um sentimento - ou pré(sentimento) - sentia a perda da aura que envolvia os poetas, intuindo a chegada da sociedade de massas. Ou seja, enunciava nos versos em prosa a circunstância social e histórica da época: momento de passagem para a sociedade de massas, momento de percepção do interior do homem. Mas os versos revelam ainda mais.

Baudelaire, sujeito, chorava nos versos a fragmentação do poeta (pode-se supor que falava de si próprio) na circunstancialidade social e histórica que o envolvia e da qual não podia se desvencilhar. Baudelaire, *solitário* (grifo nosso), lidava portanto neste poema com o sentimento interior do homem-poeta diante do modo como a sociedade se transformava.

A questão que se coloca nos versos em prosa de *Mon coeur mis à nu* é pensar acerca do lugar – ou lugares - onde poderiam estar situados o coração a nu que se supõe de Baudelaire (como anuncia o título), e o mesmo coração quando não está a nu.

Assim, aqui se trabalhou a possibilidade de se capturar um momento do fazer literário de Baudelaire, quando ele decide escrever um diário (“Journal intime”) com o seu coração a nu, em contraponto com alguns dos momentos em que escreve sem alardear este propósito, ou seja, quando a escritura dele se dá com o coração encoberto. Ou seja, é possível supor então que ele lança mão de um artifício (literário) para ocultar o seu coração.

Desta maneira, talvez seja possível formular uma teoria acerca do método elaborado por Baudelaire na busca do seu próprio interior: ele teria criado uma suposta experiência literária, na solitária caminhada em busca do seu interior.

Baudelaire estava sozinho. Poeta e pensador, buscou a solidão para se perceber e falar de si próprio. Esse movimento é assumido – foi enunciado – como a busca da solidão e da percepção, ainda que implícita no texto, da solidão do homem quando olha para dentro de si.

O movimento na direção do recolhimento, da solidão, também está presente no pensamento de Jean-Jacques Rousseau, autor que provavelmente foi lido por Baudelaire. Há pistas neste sentido.

Rousseau significa o lugar em que se colocou – solidão – no título de uma de suas obras, “Devaneios do caminhante solitário”. Aqui encontramos outro paradoxo. Embora ele já viesse ensaiando passos nesta direção – por exemplo, recolheu-se a um bosque na periferia de Paris para escrever o “Discurso sobre a origem das desigualdades entre os homens” –, a solidão chegou em parceria com a marginalidade em que a sociedade o colocou, descontente com suas idéias, especialmente as expressas no “Emílio”.

Na “Quarta caminhada”, escrita na primavera e verão de 1777, texto integrante dos “Devaneios de um caminhante solitário”, Rousseau discorre acerca da verdade e da mentira, como forma de pensar sobre si mesmo. Ele faz uma metáfora do inconsciente, antecipando-se a Freud⁶.

Fragmentos extraídos desta “caminhada” evidenciam que ele percebia a contingencialidade social e histórica, isto é, o tempo não linear, contínuo. E ainda mais: ao se colocar como observador dos efeitos que produzem as palavras, Rousseau está em um lugar que não é o do homem em estado natural, de natureza, (relacionado a instintos) – que ele separava do social:

“Julgar as palavras dos homens pelos efeitos que produzem significa freqüentemente avaliá-las mal. Além de não serem sempre evidentes e fáceis de conhecer, esses efeitos variam ao infinito *como as circunstâncias nas quais tais palavras são ditas*”. (*devaneios do caminhante solitário*, p.58) (grifo nosso).

Rousseau distinguiu razão dos sentimentos, sem separá-los. Recorria à palavra coração para falar por intuição, ou através de sentimentos, como se pode perceber neste trecho da “Quarta caminhada”:

Tais foram as regras de minha consciência sobre a mentira e sobre a verdade. Meu *coração* seguia maquinalmente esses princípios antes que minha razão os tivesse adotado e apenas o instinto moral os aplicou.” (*devaneios do caminhante solitário*, p. 61) (grifo nosso)

Na parte relativa ao estado civil, capítulo viii “Do contrato social”, Rousseau explica o conceito do homem natural, separando-o do social, aqui ligado ao homem civil:

“Esta passagem do estado natural para o estado civil produz no homem uma mudança importante, ao substituir em sua conduta o instinto pela justiça, e ao dar a suas ações a moralidade que antes não tinha. É somente então que, a voz do dever sucedendo ao impulso físico e o direito ao apetite, o homem, que até então só tinha olhado para

si mesmo, se vê forçado a agir com outros princípios e a consultar sua razão antes de escutar suas inclinações”. (Do contrato social, p.75).

Um pouco adiante, comentando ainda a conquista do homem na passagem do estado natural para o estado civil, Rousseau expande suas idéias e explicita o termo “sentimentos”:

“[...] Suas idéias se abrem, seus sentimentos se enobrecem,...”. (Do contrato social, p. 76).

Quase cem anos separam Rousseau de Baudelaire. O encontro deles se dá no lento processo de construção e percepção do interior do homem, percebendo razão e sentimento, o natural, o social e o individual. Ambos recorreram ao termo coração para falar de sentimentos, identificaram razão e emoções. Mas neste ponto trilharam caminhos diferentes. Ao contrário de Rousseau, Baudelaire separava razão das emoções. Na caminhada, ambos perceberam a circunstancialidade do tempo social e histórico, não linear e contínuo.

MEU CORAÇÃO A NU

76

Supõe-se nos versos do poema “Mon coeur mis à nu”, de Baudelaire, um movimento natural para deixar falar o seu eu profundo, deixar fluir o que havia no interior do seu coração. O poeta usa o termo “moi”, logo depois, no sentido do eu profundo, sem censuras.

Esse movimento se sustenta no poema Meu coração a nu quando os versos deixam implícito um diálogo entre o eu profundo – o moi – e o eu social do poeta acerca da mulher, do dândi, de condecorações, do comunismo, da literatura francesa.

Ainda que os versos de “Mon coeur mis à nu” apontem para uma suposta tentativa do poeta de escapar para o seu eu profundo, as questões que ele levanta o levam para um diálogo com o eu social do cidadão Baudelaire que vivencia o social histórico da sociedade francesa na virada do século.

Encontra-se aqui um paradoxo. Para deixar falar o seu interior, verbalizar o “moi” na realidade, Baudelaire precisou empregar os alicerces do eu (seu eu) social. Ou seja, ao falar do seu interior, teve que recorrer a circunstâncias do momento social e histórico da época. Tanto é assim que ele elege temas de questões instituídas na realidade social e histórica da época, como as da mulher e do dândi, entre outros.

Baudelaire usou a palavra para simbolizar o que sentia. Em outras palavras, recorreu ao eu social. Nesse espaço simbólico, em relação aos textos aqui examinados, é curioso observar que o poeta não criou novos vocábulos a fim de expressar o seu “moi”.

Para aprofundar a análise que aqui se desenvolve, a primeira indagação diz respeito ao lugar do qual estaria falando o poeta quando começa a dizer o que sente no “moi”.

Talvez se possa dizer que Baudelaire olha para o seu interior que, no título, ele nomeia como o seu coração e no primeiro verso, como “moi”. Embora os versos não digam isso, é de lá que ele fala e diz o que sente. Ele fala dos seus sentimentos, ou seja, coloca-se no “moi” profundo através de sentimentos, o que remete então a Rousseau. Este autor, no “Emílio”, defende a educação baseada nos sentimentos, junto com a razão.

A técnica da escrita literária de Baudelaire é curiosa. Poderíamos supor no poema “Mon coeur mis à nu” um método de trabalho desenvolvido pelo poeta. Ele desenha um sistema enunciado no modo como escritura e separa com cuidado o eu social do eu profundo, e mesmo do eu natural (do homem natural) que já se encontra no “Contrato social”, de Rousseau.

A primeira pessoa empregada no título desaparece. É na terceira pessoa que a primeira linha do poema fala do “moi”, grafado em itálico, com a letra “m” em maiúscula. O “moi (eu profundo) vaporizado e centralizado, um lugar “onde tudo está”. Ele chama de “moi” o que mais tarde Freud estudou e enunciou – o interior do homem.

Os versos mostram um Baudelaire decidido a falar o que sente no fundo do coração, referido como “moi”, eu profundo de si mesmo. Está registrada na primeira linha do poema a separação entre o eu social e o eu profundo.

Conforme os versos de Baudelaire, para chegar ao moi faz-se “a vaporização e a centralização do moi”. À primeira vista, parece incoerente. Talvez a referência ao “moi” (eu profundo) parta da “vaporização” do que se supunha fosse o eu profundo, atrás do qual estaria o moi, que seria então centralizado.

Talvez o poeta tenha usado o termo “vaporização” para falar metaforicamente do ópio – é sabido que Baudelaire usou drogas –, dos vapores do ópio que se fumava em Paris nas rodas intelectuais da época. É possível que ele fizesse desse uso uma técnica para conseguir uma experiência literária: talvez experimentasse a droga para ter uma consciência diferente de si mesmo, ou seja, observar sem barreiras o seu eu profundo, centralizado.

“Tudo está lá”, contam os versos. Quer dizer, tudo sempre esteve lá, mas agora pode ser observado porque o eu social foi vaporizado. O poeta pode dizer o que sente lá no seu eu profundo, onde tudo está. Assim, construindo um método numa suposta experiência literária, Baudelaire estaria em solidão, debruçado em si mesmo. Ou será que esse eu social também não está contido no “moi”?

É o que se pode perceber nas primeiras linhas do poema:

“Da vaporização e da centralização do *moi*. Tudo está lá.” (“Mon coeur mis à nu”, p.1271).

A suposta experiência registra um instante da época, na busca e construção do interior do homem. Voluntariamente, Baudelaire decidiu se colocar em solidão para alcançar o seu “moi” profundo. Mas o eu social se fez presente, também contido no “moi”, uma vez que para falar do seu interior o poeta recorreu às palavras – domínios do eu social.

As linhas seguintes de “Mon coeur mis à nu” mostram, assim como referenciado no “Pintor da vida moderna”⁷, e também no poema “Perda da aura” uma consciência do tempo de uma forma diferente do que era ainda percebido na época. A percepção de si na realidade não é pelo social histórico, ou seja, a compreensão do tempo não-linear, contínuo. A percepção de si mesmo contingenciado pelo social histórico:

D’um certo prazer sensual na sociedade dos extravagantes.

Eu posso começar “mon coeur mis à nu” não importa onde, não importa como, e continuá-lo no dia a dia, seguindo a inspiração do dia e da circunstância, contanto que a inspiração seja viva. (tradução nossa)

Baudelaire seguiu o poema no ritmo que sugeriu no verso anterior. Reconhecendo a circunstancialidade do social e histórico da época, fez o elogio do dândi, personagem de época, acima de priorizar necessidades naturais como a fome e a sede, cujo pronto atendimento implicaria em uma atitude vulgar. Para valorizá-lo, fez este elogio em contraposição a uma crítica à mulher:

“A mulher é o contrário do dandy.

Então ela faz horror

A mulher tem fome, quer comer. Tem sede, quer beber [...]

A mulher é natural, quer dizer abominável

Do mesmo modo ela é sempre vulgar, quer dizer, o contrário do dandy”. (“mon coeur mis à nu”, p. 1273) (trad. nossa)

O dândi é personagem recorrente no poema “mon coeur mis à nu”. No trecho abaixo, o poeta tenta conceituar o dandismo:

“Dandysmo.

O que é o homem superior

não é o especialista.

É o homem de lazer e de educação geral.

Ser rico e amar o trabalho”. (“Mon coeur mis à nu”, p. 1283) (trad. nossa)

Supõe-se que os versos desvelam como Baudelaire lida na sociedade. Seu modo de viver é no e pelo dandismo, que confere também superioridade intelectual no meio dos homens de letras:

“É pelo lazer que, em parte, cresci.

Para meu grande prejuízo; pois o lazer sem fortuna, aumenta as dívidas [...].

Mas também para meu grande proveito, em relação à sensibilidade para a meditação, e à faculdade do dandysmo e do diletantismo.

Os outros homens de letras são, na maioria, vis obreiros de enxada muito ignorantes”. (“Mon coeur mis à nu”, p. 1291). (trad. nossa)

Baudelaire registra no poema questões que percebe na sociedade. Acerca dessas questões deixa falar o coração, filtrado pelas palavras, ou seja, contido

no eu social. Ele comenta a origem do que considera a verdadeira civilização. Mostra brandura com minorias, reivindicando implicitamente tolerância entre povos diferentes, e faz uma separação crítica entre teocracia e comunismo:

“Teoria da verdadeira civilização.

Ela não está no gás, nem no vapor, nem nas mesas, ela está na diminuição dos traços do pecado original.

Povos nômades, pastores, caçadores, agricultores, e mesmo antropófagos *todos* podem ser superiores, pela energia, pela dignidade pessoal, a nossas raças do ocidente.

Estas talvez sejam destruídas.

Teocracia e comunismo”. (“Mon coeur mis à nu”, p. 1291). (grifo do autor) (trad. nossa)

Há uma diferença entre “Mon coeur mis à nu” e outros textos da obra de Baudelaire. Neste viés, percebe-se um paradoxo em contraponto com os demais versos. A poesia surge velada pelo eu social, que vem na forma da terceira pessoa, ou mesmo quando Baudelaire escreve “je” (“eu”) para falar de alguma coisa. No “Spleen et idéal” encontram-se facilmente diversos exemplos:

“[...]Eu tenho mais lembranças do que teria se tivesse mil anos”.

(Spleen, in: Mon coeur mis à nu, p. 69) (tradução nossa) “Eu sou como o rei de um país chuvoso [...]” (Spleen, p. 70) (trad. nossa)

79

Embora não tenha explicitado, talvez por perceber esta armadilha da linguagem – ou seria melhor dizer prisão – Baudelaire enfatizou o “moi” para falar do eu profundo, ao invés de usar simplesmente o “je” (eu, em francês). A observação acurada dos versos revela que ele empregou raramente o “je” no texto do poema “Mon coeur mis à nu”. No verso abaixo, ele recorre à primeira pessoa do pronome pessoal, quando poderia ter iniciado a frase por um adjetivo, ou um substantivo:

“[...]Eu sempre fiquei surpreso que se permitisse a entrada das mulheres nas igrejas. Que conversação elas podem ter com Deus”. (Mon coeur mis à nu, p. 287).

Poderíamos supor, examinando as recorrências aos temas da mulher e do dândi, que Baudelaire talvez inconscientemente tenha reforçado com o uso do “je” algumas das questões que mais lhe pesavam no coração. A primeira referência à mulher, citada nesta pesquisa, vem impessoalizada. Mas há outra, citada no parágrafo anterior, que vem reforçada com o emprego do “je”.

O mesmo ocorre no tratamento do dandismo. Embora o “je” tenha ficado oculto, está escrito entre parênteses quando o poeta se revela como dândi, conforme citado mais acima. De modo geral, como percebemos na comparação dos fragmentos extraídos de “Mon coeur mis à nu”, Baudelaire afastou o pronome pessoal “je” (eu) para deixar falar o interior do seu coração.

Ou seja, encontra-se no espaço de outro paradoxo – a impessoalidade para deixar falar o eu profundo – mais uma pista do processo de construção do interior do homem na passagem do século XIX para o século XX.

ENCONTROS & DESENCONTROS

A percepção e a construção do interior do homem não foi um processo linear, contínuo no tempo cronológico. Mas no período analisado foi encontrado em dois pensadores, Rousseau e Baudelaire, que revelaram uma percepção do tempo não linear e contínuo.

A evolução desta construção, no que brevemente tentamos analisar – mas apenas desde Jean-Jacques Rousseau –, revelou interfaces interessantes, que se tornaram perceptíveis através dos textos aqui estudados.

Evidencia-se em Rousseau a percepção do homem no estado natural (instintos) do homem civil (aqui tratado como eu social), e algumas luzes sobre o que neste artigo se considerou como o eu profundo: sentimentos, coração, conforme se depreende da proposta tanto de Rousseau quanto de Baudelaire.

Rousseau não fez uma separação clara acerca do eu profundo. Este é encontrado nas entrelinhas dos trechos citados nos “Devaneios de um caminhante solitário” e no “Contrato social”, aqui apresentados.

Ele precisou se colocar em solidão – marginalizado pela sociedade por suas idéias, recolhido à província – para coroar suas reflexões nos “Devaneios”. Paradoxo: o estado de solidão foi se construindo para Rousseau ao longo da escritura de suas obras, e também à sua revelia. Em solidão, o pensador recolheu-se a si mesmo e aprofundou a caminhada em direção do interior do homem – de si mesmo.

Baudelaire também se colocou em solidão para escrever “Mon coeur mis à nu”. Para chegar ao eu profundo – o “moi” –, supõe-se que criou um método, através de uma suposta experiência literária que o levou a “vaporizar” o eu social com o uso de drogas. Paradoxos: ao abolir o eu social, Baudelaire deixou falar o coração (eu profundo, o “moi”) de modo impessoal, como se observou nos textos daquele poema selecionados neste artigo.

Embora precavido, disposto a deixar falar o coração, o poeta não pode se furtar ao enunciado do que sentia pelo uso da linguagem, nem à seleção de temas que encontrou na circunstancialidade social e histórica da época.

Hoje também se pode observar um paradoxo no processo de configuração do interior do homem. A tradução de “Mon coeur mis à nu”, abolindo a primeira pessoa, trouxe para o poema a circunstância da época social e histórica, entrevista no uso da terceira pessoa.

Se o “moi” profundo de Baudelaire foi ocultado na tradução do título do poema para a língua portuguesa, o que dele se ocultou foi o que ali espacializa: os sentimentos. Portanto, poderíamos supor que os sentimentos são ocultados hoje. Porém, esta questão é tema para outra pesquisa.

NOTAS

¹ Baudelaire, Charles-Pierre. *Oeuvre complètes*. Paris, éditions gallimard, 1961.

² In: Rousseau, Jean-Jacques. *Os pensadores*. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1997.

³ Id.

⁴ Id. Ib, op. Cit.

⁵ Id. Ib, op. Cit.

⁶ Em aula da professora doutora Lucia Helena no verão de 2004, aos alunos de pós-graduação em Literatura Comparada, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

⁷ Baudelaire, Charles-Pierre. *O pintor da vida moderna*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles-Pierre. *Oeuvres Complètes*. Paris: Éditions Gallimard, 1961.

_____. *Sobre a modernidade*. RJ: Paz e Terra, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os Pensadores*. SP: Editora Nova Cultural, 1997.

MARCONDES, Danilo; JAPIASSU, Hilton. *Dicionário Básico de Filosofia*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1996.